

EDUCAÇÃO E ZEN BUDISMO: NOTAS PARA APRENDER O *SATORI*

Deniz Alcione NICOLAY¹

RESUMO: Esse texto procura se afastar do modelo das certezas absolutas para reivindicar a dúvida perene. Utiliza a filosofia Zen na intenção de provocar um verdadeiro abalo na forma de pensar em educação. Uma vertigem, portanto, perpassa tal encontro, pois nenhum **pré-conceito** pode permanecer exatamente o mesmo depois de tocado pela poesia Zen. Nesse sentido, aprender e ensinar ganham novo rumo: o rumo do *Satori*. E, para isso, os velhos monges ensinam as técnicas do *mondo*, do *koan* e do *za-zen*, ou seja, como estímulo para o discípulo alcançar sua iluminação particular. Mas até mesmo essas técnicas são inebriadas de uma lógica do absurdo, de um humor vitalista, de um “vire-se, se puderes!”. Mesmo nos momentos mais difíceis, os monges ensinam que para vencer é preciso estar só.

PALAVRAS-CHAVE: Zen Budismo. Aprender. Ensinar. Pensamento. *Satori*.

Para S.S. O Dalai Lama

Introdução

Pode o saber brotar de um não-saber? Pode o silêncio servir como um procedimento pedagógico? Principalmente em tempos de muito barulho, mas poucas inovações concretas no cenário educacional. Como os ensinamentos de velhos monges podem trazer para a sala de aula a alegria de ensinar? Esses são alguns problemas que se entrecruzam neste texto, que partilha do Zen Budismo como musa inspiradora das práticas que se efetuam em sala de aula, na comunhão entre professores e alunos. Perseguir aquilo que o Zen chama de *satori* é como deduzir a formação do discípulo pela sabedoria do mestre, de modo que esse não interfira na trajetória pessoal de cada indivíduo, mas deixe que o infinito faça seu próprio trabalho de abstração. Ou seja, o gesto mais insignificante, a criatura mais insignificante, pode desencadear uma teia de expressão, potencialmente geradora da compreensão do universo. Tal compreensão não impõe barreiras nem limites para o conhecimento, cultiva-se como uma flor de lótus. Pensar é ainda a grande arte da vida, sinônimo de viver. Portanto, pensemos:

¹ Doutorando em Educação. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cidade – RS – Brasil. 97900-000 – deniznicolay@yahoo.com

Um caminho para pensar...

Imaginemos que num passeio pelas montanhas nos deparamos com um precipício atarrador. Existe, no entanto, a possibilidade de transpormos esse abismo, sem que o medo venha a angustiar nosso desejo de superação. Fixando os olhos num ponto cego do horizonte e saltando para a outra margem, encontramos do outro lado os conhecimentos que seriam necessários para construirmos uma ponte, se caso estivéssemos na margem anterior. Eles agora não são mais necessários para o instante que se vislumbra, além das montanhas. Mas para aqueles que não conseguem saltar sozinhos, deixamos de maneira improvisada uma passagem, uma pequena ponte móvel entre as duas margens. Essa ponte, embora frágil para a ocasião, conduzirá o viajante para o seu imprevisível destino, para a **outra margem** do pensamento, cuja realidade conceptual depende do equilíbrio das emoções na própria trajetória. Um único instante de distração, de desconcentração do alvo almejado, pode significar um passo em falso e, com ele, uma queda terrível para os confins do inconsciente. Porém, mesmo que fosse uma ponte resistente, ela ainda partilharia de uma **natureza do salto**, de tremores inconstantes entre os dois pontos terminais, o que levaria nosso viajante a duvidar de suas próprias certezas. Nesse momento o contra-senso da razão, seria a única regra adotada, pois nas vertigens do pensamento, na inteligibilidade das idéias, nenhuma referência pode permanecer exatamente a mesma, depois de acossada pelo medo do infinito. Então ocorre que, frente a tal impasse existencial, o próprio viajante engendrará a sua ponte. Ela cobrirá o abismo com elementos da ordem do imprevisível, carregados de uma experiência mística e conceptual, algo como uma réstia de sol por entre as sendas da montanha.

Nesse sentido, fica claro que o viajante irá trilhar o caminho mais árduo para se chegar à meta almejada, ou seja, o caminho do meio. Aquele que o levará a abandonar todos os desejos, todas as formas de falsificação da realidade, para chegar ao esvaziamento completo da sua condição de **transportador de conhecimentos**. Sem o fardo dos valores humanos, livre das desilusões internas e das ilusões externas, o corpo está preparado para a experiência radical do *Satori*. Entretanto, não existe nenhuma regra pré-definida para esse exercício de auto-percepção mental, esse desprendimento da linguagem conceptual em proveito das emoções momentâneas, como fonte de inspiração. O impasse mental, sofrido pelo viajante, coloca a necessidade de criar uma

nova resposta ao desafio que se lhe impôs, de maneira irreversível e avassaladora, para que este não se detenha mais do que os instantes necessários na decisão emergente. É numa grande economia de forças que ele dirige o pensamento, exatamente na direção do absoluto, rompendo as cadeias da inteligência e valendo-se da intuição como método circunstancial das idéias. Nesse caso, pensar não pode ser entendido apenas como um exercício de posicionar-se sobre o objeto, a fim de extrair sua interpretação tradicional, mas uma atividade que evacua a consciência das vozes da afirmação ou da negação. Assim como o artista Zen quer alcançar a precisão de sua arte dissolvendo-a na própria natureza, também o pensamento quer tornar-se o outro de sua vontade. E, para assim proceder, ele carece de estímulos provocativos, estratégias para atingir os mais recônditos mistérios do coração e da mente, liberando fluxos produtivos do **Eu** (agora, desprendido das paixões humanas).

Muito mais do que um grito, uma anedota, uma pancada, um paradoxo, o silêncio dos gestos esconde uma forma emblemática de se chegar ao fundo de uma palavra chinesa conhecida por *hsin* que, no português regular, podemos entender como alma. Pois o caminho que retorna para sua origem, perde-se no grande oceano da indiferença ao saber que não existe um começo, tampouco um fim determinado ao qual se possa chegar. Resta, apenas, a harmonia do gesto, que busca nos rumores do vento uma forma de abstrair o infinito de cada substância natural. Na arte Zen de preparar e beber o chá, tudo depende da disciplina extrema dos movimentos, buscando a perfeição de cada ato executado. Mas não é o alvo em si mesmo que provoca essa suspensão da linguagem usual dos significantes e dos significados, é o estado imediato da mente cotidiana na sua incursão pelos espaços não-visíveis da realidade. E isso só acontece quando ela (a mente) eleva-se por sobre a matéria finita, salta como a rã de Basho em direção à verdade do instante, sem nenhum impedimento capaz de impor-lhe limites ou precauções. Porque neste exercício de abismar-se nos olhos do infinito, quanto mais olhamos para seu fundo obscuro, mais nos dissolvemos na imensidão do nada. E entre o nada e o todo está o Zen, com suas máximas sarcásticas e desoladoras para aquele que quer penetrar nas suas lições milenares. Talvez tornamos complexo demais esse modo de vida tão singelo, pois nada é mais difícil de enxergar do que aquilo que constitui o óbvio do pensamento. Estranhamente, procuramos no universo da exterioridade sinais de um tempo futuro, quando é na interioridade que esse tempo desprende sua existência e nos mostra que a vontade é o próprio motor incondicional desse modo de ver para além das substâncias físicas.

E o que vemos quando evacuamos o pensamento da nossa capacidade de formular juízos? Uma forma não racional de impedir o superego de rotular as situações que nos surgem a cada dia ou a sensação de um êxtase místico, semelhante aos cristãos devotos que se auto mutilavam na procura de Deus? De qualquer forma, toda vez que atingimos um estado de **não-pensamento** (tarefa árdua e difícil para àqueles que têm **pés de chumbo**), não existe nada que impeça o fluxo contínuo da energia que perpassa todas as fronteiras do real. Pois na manifestação do universo sensorial, cada detalhe de um elemento se subdivide em pedaços e estes, da mesma forma, em milhões de partes infinitesimais. É o mundo do **possível anunciado**, da luminosidade no oceano das sombras, onde a dimensão visível opera com o infinito seu desejo nupcial de encantar-se com a paisagem. Nos seus estudos sobre o Xamanismo, Castañeda, depois da experiência com o brujo D. Juan Matus (1891-1974), entende que a única coisa que importa aos seres humanos é o seu encontro com o infinito, termo energicamente irreduzível para a linguagem xamânica que, inclusive, concebe a noção de *ver* como: “o ato de perceber a energia diretamente, enquanto ela flui no universo” (CASTAÑEDA, 2004, p.15). Talvez, por isso, o uso de drogas alucinógenas como estimulantes para se chegar a esse estado de liquefação do corpo físico, cujos sentidos extrapolam os limites da percepção regular, expandindo-se em diferentes dimensões do tempo e do espaço. Mas o quê essa descrição tem em comum com o Zen? Não seria de todo absurdo dizer que ela lembra, em muitos momentos, a busca do *Satori*, embora para alcançá-lo não se faça uso de drogas alucinógenas. A única droga provável é aquela que possui na sua formulação uma substância conhecida por *ichinen*, expressão derivada do japonês que, entre outras coisas, significa pensamento único ou pensamento do instante (SUZUKI, 1977, p.54). Desse modo, tudo àquilo que acontece, situações ocasionais e insignificantes demais para constituírem uma síntese, deve merecer a atenção de quem pretende aprender o infinito. Não se pode menosprezar as sementes que caem no curso do rio, pois no transcurso de suas águas, muitas plantas crescerão nas suas margens.

O curso do rio é análogo ao curso da vida. Transpõe os obstáculos para continuar sua trajetória, retém o dom da força (águas subterrâneas) nas derrocadas do caminho e constrói o encontro com as águas grandes do oceano sem fim (MELLO, 1984). Mesmo que a pretensão de um olho d'água venha brotar como sinal de mudança, ele continua porque sabe decifrar os sinais do tempo na conjugação de cada estação. O princípio do eterno movimento também faz parte das concepções presentes no antigo taoísmo, onde a batalha dos opostos é o motor fundamental para a evolução das energias

vitais. No Tão (o caminho) não existe estagnação, a própria noção de *Wu Wei* que a maioria dos estudiosos ocidentais tem traduzido como **não-ação** está longe de ser levada ao pé da letra. Seu significado, na verdade, remete ao caráter plástico e positivo da filosofia de Lao Tse (entre os séculos IV a.C. e III a.C.) que, sobretudo, coloca o ser humano como produto de seu pensamento e de suas ações. Por isso, a expressão está próxima, no dizer de Watts (2008, p.37), de uma “forma de domínio através da adaptação”, já que não se configura enquanto espera do significado, mas de uma percepção extra-sensorial do espaço. Daí, o desprendimento, o desapego de todas as ilusões provocadas pelas névoas da matéria, nenhuma jóia merece à atenção de quem tem os olhos voltados para o espírito. Entretanto, isso não significa que devemos fugir da vida, caso queiramos atingir a capacidade superior de ver e sentir para além do mundo das formas. Mas sim acompanhá-la nos seus estados de alegria ou sofrimento, aceitá-la nas suas limitações e possibilidades e, acima de tudo, seguir o caminho interminável de outro horizonte possível. Quem sabe uma nova aurora, rasgando os céus como sinal de uma enchente. Enchente que, assim como o rio, lava a tristeza contida, o orgulho da mancha, a mágoa da dor, no fim, todas as conseqüências de uma mente aprisionada pelo logicismo exacerbado.

A experiência do *Satori* desloca a mente desse emaranhado de coordenadas cartesianas. Ao invés da compreensão gradual, como seria de praxe na prática do exercício conceitual, tem-se uma compreensão súbita e incomunicável da totalidade absoluta. Tudo o que antes tinha certa natureza contraditória, agora integra o mesmo plano de paixões. A sensação de um estado de liberdade interminável, onde as esferas de nossas instituições morais não encontram mais seu reconhecimento, prevalece sobre qualquer possibilidade de escolha que possa determinar um ponto de vista. Porque no *Satori* não se pode elencar pontos de vista, como se fossem linhas pré-elaboradas de um antigo romance policial, mas o sentido está em afirmar que ocorre uma virada na direção regular de seus pressupostos. De maneira objetiva, seja a título de conceito ou de um método aplicativo, ocorre à pulverização do tempo cronológico e da linguagem, enquanto manifestações concretas da existência do sujeito. Por outro lado, de modo subjetivo, é o próprio sujeito ou indivíduo que recebe uma nova corrente de ar, como se o Ser fosse sugado por um mecanismo exaustor para, em seguida, ingressar numa nova trajetória. Na verdade é um movimento de retorno, de re-descoberta, em que a precisão da flecha que procura o alvo depende do sentimento de abandono de seu arqueiro. Deixar-se guiar pelo único propósito de fazer da vida uma obra, que extasia seu autor a

todo momento, expandir-se para incluir num corpo elástico as mais ínfimas ervas do chão, eis alguns sinais para converter uma dobra na eternidade. Numa passagem enigmática de Suzuki (1977, p.87), lemos o seguinte: “Quando a ponte flui e a água não, há o Satori.” A ponte, apesar de servir como passagem, é um obstáculo para o livre curso das energias dinâmicas do universo. Somente quando o sujeito se converter em ponte, ele estará livre da ronda interminável dos fenômenos de causa e efeito, deixando que outros passem, sobre si mesmo, em direção ao poente. A imagem estática da água, na sua condição de elemento transformador da natureza, não nos causa nenhum estranhamento, uma vez que simboliza a distância, os abismos, o borbulhar incessante da atividade inconsciente e das pulsões incontroláveis do organismo. Quando estática (se assim compreendemos), ela ilustra o poder substancial das mutações, presentes em todos os elementos naturais e, portanto, serve como matéria prima para as mazelas do infinito. Nesse caso, o propósito do *Satori* definitivamente não depende de um caminho racional, embora ele possa ser experimentado, até provocado, pelos inúmeros exercícios do **Zen**, conhecidos como *mondo*, *koan*, ou *za-zen*. É por meio desses exercícios que o Mestre emprega uma forma de medida aos conhecimentos adquiridos por seu discípulo, mesmo que não se trate de uma forma de aprendizagem que se debruce sobre o objeto, mas da aquisição de perspectivas cósmicas sobre o infinito dos mundos. Assim, o *Satori* depende muito mais da expansão de um conteúdo místico-esotérico do que de habilidades cognitivas, aplicadas na interpretação de problemas.

No entanto, o valor alcançado pelo uso sistemático daquilo que podemos entender enquanto um método para se chegar ao *Satori*, não deve ser taxado como uma espécie de resíduo da mente oriental. Pois, para os ocidentais, circula a impressão de que os paradoxos do Zen não passam de artifícios mentais de velhos monges desocupados, alienados das preocupações mundanas, cuja principal arma é o riso enlouquecedor. Importa lembrar que tais procedimentos integram um conjunto de práticas orientadas para provocar no discípulo uma forte tensão emocional e mental, apesar desses procedimentos não seguirem uma lógica na sua aplicação, nem o Mestre ter um roteiro pré-definido; ao contrário, eles simplesmente acontecem sem hora ou lugar previsíveis. São de uma didática que pertence à arte do incidente e, portanto, desnecessárias como explicações plausíveis da experiência para a qual são submetidos. Experiência que nunca se repete da mesma forma. Por vezes, ela dificilmente acontece como único produto de uma mente equilibrada e disciplinada, embora tais princípios façam parte das lições do **Zen** e decorram de muitos anos de constante aplicação. É

preciso algo mais, talvez uma centelha do fogo eterno que anima as entranhas do Monte Fuji ou, quem sabe, o “Plop!” da rã de Basho (1644-1694) que salta na água. Somente esse encontro, da vida com o imprevisível do pensamento, pode sinalizar o caminho (irredutível e inconfundível) no rumo certo do *Satori-acontecimento*. Porque a vida, tal como os homens de rebanho a vivem, não passa de um grão de poeira que, algumas vezes, é movimentado por um torvelinho qualquer. No resto, paira por sobre todos os instantes de sua existência uma névoa obscura, que inibe seus olhos para enxergar além da circunferência real. E é na expansão dessa circunferência, que o Monge experimentado aguça a visão e põe a mente num estado de cambiante percepção, fazendo de seu próprio corpo um atrator caótico para a dupla afirmação do Zen. Mas cada discípulo deve descobrir a sua sina, em cada alma viva o sentido manifesta-se como as solitárias dunas do deserto, no seu movimento perene de engendrar outras dimensões da paisagem. Nesse sentido, o seu Roshi (mestre Zen) pode estimular essa procura incessante e exclusivamente particular do discípulo, por meio de algumas provocações, desorientações, paradoxos, a fim de encenar uma espécie de dispositivo ao **método Zen**.

Assim é o *mondo*, ou seja, uma série de perguntas e respostas entre o Mestre e seu discípulo, cujo propósito é obstruir a mente racional com suas evidências lógicas, desnortando a similitude de uma argumentação discursiva. Pois as frases são curtas, rápidas, não há discussão, nem explicação (explicar significa cessar o conflito em jogo), ocorre uma descarga imediata de palavras, como se o pensamento fosse algo independente dos atos de fala. É como um duelo entre dois esgrimistas, no momento em que um deles procura perfurar e destruir o bloqueio para atingir o alvo (a armadura do Mestre), o outro se esquivava e ataca nas fragilidades deixadas à mostra por seu adversário (a visão do discípulo). Nesse caso, perdura a tentativa de limpar a mente do discípulo, abri-la para outras experiências não-manifestas em condições normais (HUMPHREYS, 1977, p.111). Mas nem sempre essa tentativa dá-se por meio de palavras, algumas vezes é necessário o contato pessoal entre ambos, quer seja um gesto dramático ou um ato de extrema rudeza por parte do velho Mestre, como esbofetear a face do discípulo. Aliás, ele geralmente encerra o *mondo* por uma sentença avassaladora, cujo significado consiste na sutileza de sua retirada e o que, mormente, decreta o fim da disputa estabelecida. Mesmo que tal disputa não tenha levado nenhum de seus protagonistas a um domínio superior sobre o outro, porém o silêncio (breve e intercalado) se encarrega

de traçar um plano para além das palavras proferidas. **São as lições do vazio que ensinam o discípulo.**

Embora não possamos desconhecer os efeitos de outro dispositivo utilizado para compor o chamado método Zen, o *koan*. Aplicado quase nas mesmas condições do que o *mondo*, ele é definido por um enigma sem solução aparente, uma dúvida atroz que acompanha a inteligência daquele que quer chegar ao *Satori*. Sua provável resolução não está em nenhuma resposta aparente, mas no teor de concentração, de aplicação, que o discípulo será capaz de alcançar quando submetido pelo desafio do Mestre. Reza à lenda que uma vez solucionado o seu *koan*, qualquer suspense acerca da compreensão lógica terá uma forte tendência a se dissipar. Porque existe uma espécie de semiótica às avessas operando nesse dispositivo, como se a fronteira entre o visível e o enunciável dissolvesse todo e qualquer regime de signos, que encontra na frase escrita a sua principal manifestação. A diferença é que o *koan* é uma frase viva e não um registro qualquer, ele encarna a excitação das palavras até o seu mais alto grau, colocando o discípulo contra o muro branco do sentido. Na metáfora de Édipo e a esfinge caberia, nesse sentido, a máxima trágica: “Decifra-me ou te devoro!”. Isso quer dizer que para a mente restam apenas dois rumos possíveis: Sucumbir no contraste paradoxal de uma vontade resoluta ou aceitar os sintomas de uma metamorfose tardia, que postula a necessidade de ultrapassar o seu Eu constitutivo. Tal perspectiva, de agulhoar ao pensamento racional uma dimensão daquilo que poderíamos entender enquanto uma forma de **não-pensamento** conduz o indivíduo para o esquecimento de si mesmo e, conseqüentemente, na direção inconsútil do *Satori Zen*.

Por isso, todos os obstáculos que bloqueiam o fluxo contínuo das energias cósmicas devem ser eliminados. Entre o homem e o seu sol, existe uma sombra que reclama amargamente da escuridão, queixa-se do frio d’alma que atravessa seus contornos. Mas uma maneira de tolhê-la consiste na técnica de multiplicar os raios que animam o dia, fazendo-os penetrar nos confins da existência. Então, cada partícula que integra nosso corpo também carregará um pouco desse calor visceral, dessa mistura de força e eternidade, tão ao gosto das deidades que vêm no homem seu mais surpreendente brinquedo. É ao som de uma nota perdida ao vento, de um canto estrangeiro em sua terra natal, que lentamente evacuamos o pensamento das noções coercitivas de “Bem” e “Mal”. Aos poucos, a aceitação de uma maneira orgânica de pensar começa a ganhar espaço entre as efemérides de nossa vida. Pois, as sensações que surgem desse abandono da alma racional neutralizam os marcadores de poder,

presentes nas operações da linguagem. Linguagem que, inclusive, por seu teor implícito de moralidade, por seus imperativos displicentes, não produz nada além de certa redundância no regime de signos em circulação. Daí, a preocupação do *Zen* com a economia de palavras, ao tratar do conjunto de seus ensinamentos numa situação de aprendizagem, mesmo que esta possa ocorrer distante de um lugar apropriado para tal ocasião. Talvez seja esse caráter enigmático e paradoxal no uso das palavras que sustente a seguinte afirmação de Humphreys (1977, p.91) : “O Zen é, e não é nada”. Na sua essência, assim como o Tao ou o devir heraclítico, subsistem os princípios da contradição e do movimento, uma forma de manter em estado de potência originária as forças criativas do indivíduo. Desse modo, nenhuma sobrecarga moral deve ocupar as relações entre verdade e mentira, principalmente quando essas se configuram, e são entendidas, como síntese da mente coletiva e gregária da linguagem. O Zen é liso, rápido, insignificante, marca da vida como projeção universal da outridade do pensamento e seu maior obstáculo está, antes de tudo, entre o homem e sua sombra, nos tentáculos do medo.

E, para amenizar esse medo de ter medo, para desenlaçar a mente das amarras psíquicas da moral, rumando sempre na direção do *Satori*, existe a possibilidade de outro exercício praticado pelo Zen, conhecido por *za-zen*. Na verdade, constitui uma espécie de reforço auxiliar do *koan*, uma postura meditativa, onde o discípulo concentra sua energia vital para a resolução do problema. Porém, tal atividade, embora se assemelhe à prática hinduísta (como a yoga, por exemplo), seu fundamento está em outra direção, na velha China continental. Enquanto a raiz chinesa desse pensamento busca uma forma de utilização prática do conhecimento adquirido; outra, de raiz hindu, prefere os longos estágios de meditação com a finalidade de alcançar algo próximo de um transe mental. E sabemos o quanto o Zen deve a um bárbaro barbudo, conhecido pela insígnia de Bodhidarma². Sua refuta pela conquista transcendental da alma evidencia-se, sobretudo, pela ligação que mantinha com a vida dentro de seu ciclo natural, de sua arte cotidiana. Não podemos confundir a lua que surge por detrás das nuvens com o dedo que aponta, pois aquilo que se aprende na escola do mundo também serve como alimento do espírito. Mas a relação direta com o mundo não é o único objetivo do *za-zen*, como postulava o velho patriarca, senhor e estranho de si mesmo. Além da concentração no enigma do seu *koan*, o discípulo deve libertar a mente de ter

² Filósofo indiano, que chegou à China em meados dos séc. VI e se tornou o fundador da Escola Zen de Budismo.

de pensar sobre o corpo (WATTS, 2008, p.83), extrair deste todos os estímulos dispersos a fim de canalizá-los numa tarefa particular: **encontrar o caminho de si mesmo**. E uma vez encontrado ou, pelo menos, sinalizado por uma clareza momentânea, por um estado em que não se distingue mais o homem de sua sombra, ele abandona o retiro solitário para inebriar-se dos afazeres concretos, constantes na vida de um Monge.

Nesse sentido o *Za-Zen*, enquanto postura meditativa subsume uma forma de abandono temporário das tensões e das implicações, postas pelo mundo das idéias **aparentes**. Pois na convergência de um suposto “Eu” com o infinito do pensamento, a própria visão daquilo que entendemos por realidade se dissipa ao sabor do orvalho das manhãs. Manhãs que são tecidas nos primeiros sinais da aurora, no despertar da consciência para a magnitude de uma ação que se coteja ao poder dos oceanos, uma vez que estes abarcam o mundo. Tal ação é conhecida pela expressão *Bodhisattva*, que na sua tradução pode ser entendida enquanto uma forma de “levar a sabedoria para o mundo todo” (WATTS, 2008, p.84), ou seja, a disseminação de um saber como produto intuitivo da força de um não-saber (inversão do modelo absoluto das certezas). Para isso, a mente deve parar para respirar, mesmo não exercendo essa função por condição orgânica, ela estagna e fixa o alvo de sua vontade, como se penetrasse na esfera supra terrena de outra dimensão do espaço. Seu tempo de permanência é o tempo de esquecimento das barreiras impostas pelo desejo material, o que faz do corpo em uso apenas um canal para que nele fluam as vertigens do nada. Procedimento muito diferente das reminiscências platônicas, onde lembrar significa voltar ao estado original das idéias e, portanto, pensar é um mero exercício da capacidade de reconhecimento do indivíduo. Ao contrário, quando temos o nada por matéria do pensamento, a mente nos obriga a fixar um crivo no caos, encontrar uma direção para o dilema que nos consome e, com isso, manter um mesmo ponto de vista até levá-lo ao esgotamento de suas possibilidades. Então, outro contorno se vislumbra na arte de encantar paisagens, um traço sem começo nem fim rompendo os véus da eternidade, sinais de que outra forma de pensar pode brotar da terra em que se pisa, porque é nela que fervilham as idéias.

Trata-se, desse modo, da força do presente enquanto acontecimento real das expressões do pensamento. Mesmo que na forma de um *mondo*, *koan* ou *za-zen*, como estímulos do método Zen para provocar o *Satori*, um problema (charada paradoxal) assuma proporções inimagináveis para a mente ocidental, pensar é ainda uma aventura do infinito. Aprendê-lo em sua extensão significa renovar os pulmões de ar, seguir o

caminho das pedras pontiagudas do destino e, sobretudo, quando próximos da meta almejada, desaprender todas as lições para recomeçar do nada. Eis o problema da mente ocidental, quando carregada de juízos e de valores morais, ela não suporta a ausência de sentido na linguagem que lhe constitui, nem o silêncio sobre a palavra anunciada, quanto menos à solidão na procura de si mesmo. Essas técnicas de velhos Monges não ensinam nada mais do que aquilo que costumamos a compreender, enquanto homens do conhecimento. Apesar de focar o problema sobre outros ângulos de visão e jogar com soluções banais, nunca apontamos para o óbvio. Se for óbvio é porque requer certo grau de materialidade, reivindicando o corpo na aprendizagem, não de modo abstrato como a tradição nos legou. Mas na perspectiva de um olhar que se desdobra do ponto mais insignificante do espaço (seja ele qual for) para um universo pulsante, vivo e indissociável no amanhecer de cada dia.

EDUCATION AND ZEN BUDDHISM: NOTES TO LEARN SATORI

ABSTRACT: *This paper seeks to move away from the model absolute certainties to claim the perennial question. Uses Zen philosophy in the intention of causing a real stir in the way of thinking in education. Vertigo, so pervades this meeting, because no pre-conception can remain exactly the same after touched by this sense Zen poetry, teaching and learning gain new direction: the direction of Satori. And for that, the old monks teach the techniques of mondo, the koan and zazen, or as a stimulus for the student achieve his private illumination. But even these techniques are inebriated from a logic of the absurd humor of a natural, a “turn around, if you can”. Even in difficult times, the monks teach that to win you have to be alone.*

KEYWORDS: *Zen Buddhism. Knowledge. Learning.*

REFERÊNCIAS

CASTAÑEDA, C. **A erva do diabo**: os ensinamentos de D.Juan. Tradução de Luzia Machado da Costa. 30.ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

HUMPHREYS, C. **O Zen Budismo**. Tradução de Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MELLO, T. de. **Mormaço na floresta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SUZUKI, D. T. **Viver através do Zen.** Tradução de Maria Inez B. Lobo Vieira e Ana Maria de Gouveia. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WATTS, A. **O espírito do Zen.** Tradução de Murillo Nunes de Azevedo. Porto Alegre: L&PM, 2008.